

A cidade como emoção: a relação afetividade-racionalidade em uma torcida hooligan londrina

OLIVEIRA, Eric Monné Fraga de

Resumo

O trabalho tem como objetivo ressaltar uma questão que tem sido frequentemente menosprezada pelas análises da sociologia urbana: o lugar da afetividade no meio urbano. A teoria sociológica tradicional sobre o meio urbano ressalta o aspecto racional da cidade, tomando-a como o lugar das atividades econômicas – o que a impregna de racionalidade por todas as partes, já que a esfera econômica, com o capitalismo, torna-se um meio em que as ações racionais com relação a fins são preponderantes. Entretanto, ao lado da dimensão econômica, coexistem outras esferas que não podem ser ignoradas. Nesse sentido, o trabalho destaca a importância dos afetos na vivência dos moradores das grandes cidades a partir de um caso paradigmático: o dos hooligans, isto é, dos grupos organizados de torcedores de futebol cuja atividade está direcionada para a violência. O objeto específico de que se tratará aqui é o caso do hooliganismo em torno do *West Ham United Football Club*, clube de futebol da região do East End londrino. Ao final, será realizada uma comparação com o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, visando a oferecer uma contribuição para o estudo do tema no Brasil.

Palavras-chave: cidade – violência – afetividade – hooliganismo.

Abstract

This paper focuses on a question that has been frequently undervalued in the urban Sociology studies: the place for emotions in the urban area. The most traditional sociological theories on the urban area emphasizes the city's rational aspects, taking it, almost exclusively, as the privileged place for economic activities – what fulfills the city with rationality all over, since the economic sphere in the capitalism becomes an area where the instrumental rational actions are preponderant. However, beside the economic sphere, in the city there are also other spheres that cannot be neglected by the sociological analysis. Therefore, this paper aims at focusing on the importance of the emotion in the lives of the inhabitants of the metropolitan areas, from what appears to be a paradigmatic scenario: the hooligan case – by hooligans we mean the organized groups of football supporters whose activity is directed towards violent ends. The specific object analysed in the following paper is the hooliganism of the West Ham United Football Club fans, a football club from London's East End. Finally, there will be a comparison with the Clube de Regatas Vasco da Gama, from Rio de Janeiro, intending to offer a contribution to the study of this theme in Brazil.

Keywords: city – violence – emotion – hooliganism.

Sociologia Urbana: Cidade, Racionalidade e Zonas Morais

A teoria sociológica dominante sobre as grandes cidades tem tido como uma de suas principais características o enfoque nas questões da racionalidade e da economia como abordagens centrais para a vida urbana. Nessa teoria, “A Metrópole e a Vida Mental”, de Georg Simmel, é não apenas um dos textos fundadores da pesquisa sobre o fenômeno urbano como também exemplar das principais diretrizes que segue a pesquisa em Sociologia urbana. Por outro lado, Robert Ezra Park, em “A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”, sugere o papel que questões moral-valorativas e sentimentais continuaram a exercer na vida social urbana. Antes de tratar desses dois textos, porém, é importante introduzir as definições fornecidas por Louis Wirth, em “O Urbanismo como Modo de Vida”, para os estudos de Sociologia urbana.

A contribuição de Louis Wirth para a sociologia urbana é fundamental para iniciar o presente trabalho, pois ele fornece algumas peças-chave para pensar a cidade. Primeiro, faz-se necessário apresentar uma definição de cidade, entendida como “uma fixação relativamente grande, densa e permanente de indivíduos heterogêneos” (Wirth, 1979, p.113). Notam-se, assim, as primeiras características de uma cidade: população relativamente numerosa em um espaço relativamente limitado (se comparado unicamente à quantidade de habitantes que ali vivem, mas que não é, de forma alguma, um espaço absolutamente pequeno) constituído por indivíduos diferentes. Essa última característica indica um fato importante: pessoas com a mesma ocupação não são capazes de constituir uma cidade; a cidade depende de indivíduos que realizam tarefas distintas.

Essa aglomeração se torna predominante na vida social da Modernidade, pois o trabalho é deslocado do campo para tarefas industriais com a Revolução Industrial, e essas tarefas dependem da aglomeração de muitos trabalhadores. Além de moradia e de local de trabalho de seus habitantes, a cidade se torna também o “centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural”, ou seja, o lugar central para a pesquisa sociológica. Nesse sentido, o objetivo do sociólogo que toma o meio urbano como seu objeto é “descobrir as formas de ação e organização social que emergem em agrupamentos compactos, relativamente permanentes, de grande número de indivíduos heterogêneos” (Wirth, 1979, p.91).

Esse autor também destaca que os distintos grupos que coexistem em uma cidade tendem a se agregar de acordo com “cor, herança étnica, status econômico e social, gostos e preferências” (Wirth, 1979, p.99 – itálico no original), isto é, de acordo com princípios subjetivamente sentidos (antes que objetivamente existentes) que orientam suas ações e suas noções de pertencimento grupal. Essa separação espacial dos indivíduos, de acordo com categorias que formam e orientam os grupos na cidade, gera uma segmentação das relações sociais, o que explica o “caráter ‘esquizóide’ da personalidade urbana” (idem, p.100). Esse aspecto da segmentação espacial será relevante quando da investigação da identidade dos hooligans do *West Ham United F.C.*

Georg Simmel, um dos primeiros sociólogos a tratar da cidade do ponto de vista das características mentais de seus habitantes, a relaciona à autonomia do indivíduo, a qual apenas se tornou possível mediante as transformações econômicas trazidas pelo capitalismo industrial a partir do século XVIII. Entretanto, ao mesmo tempo em que “o século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, à moral e à economia” (Simmel, 1979, p.11) também levou a um aumento do individualismo, mas igualmente da interdependência entre os homens ao intensificar a especialização funcional do homem e de seu trabalho. Acompanhando essa intensificação da especialização funcional do homem moderno, a vida na metrópole cria uma base psicológica para seus habitantes baseada em uma intensificação de estímulos neurológicos e, dessa forma, os padrões de comportamento encontrados no meio metropolitano são consequência dessa intensificação.

Em virtude dessa intensificação, a vida emocional teria sido realocada para os níveis mais inconscientes da estrutura mental, enquanto o intelecto se elevaria aos níveis mais conscientes, porque apenas o intelecto seria capaz de lidar com as rápidas transformações que se sucedem na metrópole. Dessa maneira, o tipo metropolitano de homem “reage com a cabeça, ao invés de com o coração” (Simmel, 1979, p.13). Fundamental para essa transformação é a economia monetária, que sempre encontrou seu epicentro no meio urbano. Quando toma ações tendo como referência a economia monetária, o homem urbano se encontra obrigado a tornar racionalizadas e calculadas suas relações com outros homens e com as coisas, diminuindo ao mínimo suas relações emocionais íntimas com eles. A mente

urbana torna-se progressivamente calculista, isto é, racionaliza as consequências da maioria (senão de todas) as ações tomadas, particularmente as ações sociais, escolhendo quais são mais viáveis e podem gerar os melhores resultados para que determinadas finalidades possam ser atingidas.

Enquanto, por um lado, a maneira de lidar com a vida, com os homens e com as coisas torna-se mais minuciosa e precisamente calculada, por outro, os mesmos fatores que levaram a essa intensificação da racionalidade em relação a fins geram também “uma subjetividade altamente pessoal” (Simmel, 1979, p.15). Esses dois lados caracterizam o indivíduo *blasé*, típico do meio urbano. A atitude *blasé* consiste na perda da capacidade de diferenciar significados e valores das coisas, as quais são vistas pelo indivíduo como desprovidas de qualidades substantivas. Nesse sentido, o dinheiro funciona como um nivelador: ele retira todas as qualidades substantivas das coisas e pessoas e as torna comparáveis apenas em termos monetários. Dessa forma, os “valores” das coisas e pessoas passam a ser medidos financeiramente. Wirth acompanhou essa linhagem de pensamento na pesquisa urbana: “os contatos da cidade podem ser face a face, mas são, não obstante, impessoais, superficiais, transitórios e segmentários” (Wirth, 1979, p.101).¹ Em seguida, o autor também caracteriza os habitantes urbanos pela sua reserva, pelo ar *blasé* e pela indiferença que demonstram habitualmente. Além disso, Wirth liga a racionalidade dos habitantes da cidade à “sofisticação”, ao anonimato, ao superficialismo e ao caráter transitório das relações humanas estabelecidas no meio urbano, ou seja, a tudo aquilo que produz o individualismo que marca as relações modernas.

Por esses motivos, a vida nas grandes cidades, sede da economia moderna, levou à preponderância da racionalidade em relação a fins e do nível mental do intelecto em detrimento do tradicionalismo, da racionalidade em relação a valores e do nível mental da afetividade, que permanecem existentes, mas são relegados a um papel secundário.

Viu-se, até agora, como a cidade foi construída sociologicamente como o lugar por excelência da racionalidade com relação a fins, das relações

transitórias e superficiais, do indivíduo *blasé*, indiferente e reservado. A cidade não aparece, então, como um lugar repleto de noções afetivas e morais para seus habitantes, cuja vivência é racionalizada, calculada. Os aspectos morais e afetivos das vidas dos habitantes das metrópoles poucas vezes entram em análise. Robert Ezra Park, todavia, fornece primeiras indicações para se pensar a questão dos sentimentos morais da vida em grandes cidades – e é a partir desse sociólogo que se começará a elaborar, aqui, os aspectos afetivos e morais da cidade para os hooligans do *West Ham*.

Para Park, “a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais [...], que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos”. Isso significa que a cidade é mais do que seus aspectos funcionais, racionalizados e calculados, “é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados” (Park, 1979, p.26). Sem menosprezar o papel da racionalidade, do cálculo e da economia na vida dos habitantes de áreas urbanas, o autor atribui também um papel irreduzível a questões geralmente pouco tratadas, ao menos até então, pela sociologia urbana: os sentimentos, as tradições e os costumes presentes nas cidades. Para o presente trabalho, apenas dar-se-á ênfase à arena dos sentimentos.

Em consequência do processo de racionalização da economia e, portanto, do meio urbano, a competição por melhores condições sociais leva

À quebra ou modificação da antiga organização social e econômica da cidade, que se baseava em laços familiares, associações locais, na tradição, na casta e *status*, e sua substituição por uma organização baseada em interesses ocupacionais e vocacionais (Park, 1979, p.26 – itálico do original).

Sendo a cidade fragmentada em diversas zonas morais, as vizinhanças que compõem essas zonas morais e os tipos vocacionais que compõem essas vizinhanças têm um valor moral, o qual, via de regra, pode ser nivelado pelo dinheiro, “o principal artifício pelo qual os valores foram racionalizados e os sentimentos substituídos pelos interesses” (Park, 1979, p.40). Isso abre a possibilidade de que surja uma identificação entre um bairro ou vizinhança, um tipo vocacional e um determinado conjunto de valores morais.

1 Com o desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação, o contato face a face deixa de ser uma necessidade irrevogável, pois novas formas se tornam possíveis e, em certos casos, até mesmo mais úteis e produtivas.

A Cidade e as Zonas Morais: o caso do *West Ham United*

Para exemplificar esses elementos levantados por Park (1979) sobre o meio urbano, escolheu-se estudar o caso paradigmático de uma torcida hooligan de um clube de futebol: uma torcida hooligan londrina em virtude da existência de diversos clubes na cidade de Londres, sua identificação profunda com regiões específicas da cidade, a grande rivalidade existente entre eles e pela cidade ter sido um dos lugares privilegiados do surgimento e do desenvolvimento do hooliganismo. Dentre esses clubes, o *West Ham United* foi o que apresentou a melhor combinação entre raízes profundas na região de origem do clube, reconhecimento de sua torcida hooligan (uma das mais famosas da Inglaterra e da Europa), o sentimento de comunidade presente em sua torcida e a facilidade de acesso ao material empírico para a pesquisa.

O *West Ham United Football Club* é um clube de futebol fundado em Londres, em 1895, originalmente como *Thames Ironworks Football Club*, na região leste da cidade, tradicionalmente formada por maioria operária. Nos seus anos iniciais, os diretores e os membros do conselho viviam na região em que o clube estava sediado, e a maioria dos primeiros fãs e jogadores provinha da classe operária e mantinha um sentimento de comunidade com o espírito do clube, que logo começou a ser identificado como um clube comunitário da região (Spaij, 2006). Isto é fundamental para entender a ligação entre os fãs, o clube e o bairro, pois a “proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cotidiana” (PARK, 1979, p.31). Acima de tudo, o clube, desde seus princípios, representou sempre a vizinhança do *East End* londrino. A identificação com o bairro significa também identificação com seus moradores: isto é, o clube aparece para seus moradores como uma parte deles próprios, assim como eles próprios são parte do clube.

Enquanto a vizinhança existe sem organização formal, o clube é visto como uma organização formal que, mesmo sem representar diretamente a vizinhança, é identificada com ela tanto pelos torcedores quanto pelos outros habitantes da cidade. As vitórias do clube são consideradas vitórias para a vizinhança, e a reputação da vizinhança acompanha a reputação do clube e de seus torcedores. Desde o século XIX, a região do *East End* londrino é

vista pelos demais habitantes da cidade como uma zona de baixo valor moral e econômico. Seus habitantes são tomados pela sua “minoría anômica” (Elias & Scotson, 2000), vistos como sujeitos, tanto física quanto moralmente, criminosos, perigosos, parasitários. Se, como argumentou Park (1979), a cidade é dividida em diversas zonas morais, o *East End* foi uma das piores zonas da capital inglesa durante muito tempo. Enquanto a maior parte do restante da cidade de Londres era sentida pelos seus habitantes como próspera e civilizada, essa região da cidade jamais teve a mesma fama; suas casas pobres, sua cultura de classe operária e a fama que seus moradores tinham de praticar *ducking and diving*² sempre fez do *East End* um lugar mal visto pelo restante da cidade.

Conforme o cenário urbano de Londres pós-Revolução Industrial era remodelado em função de um tipo de racionalidade necessário à economia capitalista, a região do *East End* se consolidou como um bairro da baixa classe operária. Estigmatizada pelos demais habitantes da zona metropolitana de Londres, sua vizinhança manteve historicamente laços fortes de solidariedade de classe e uma forte cultura de classe operária. Park (1979) já havia dado atenção a que o sentimento de vizinhança se fundisse a interesses e sentimento de classe e, no caso do *East End*, a identidade operária era muito evidente. Enquanto a pobreza de seus moradores era vista pelos de fora como um sinal de falta de ordem, miséria e *nastiness* – essa mistura de imundície física e indecência moral –, para seus habitantes ela veio sempre “acompanhada por um sentido de família, solidariedade de comunidade e de classe (...), por orgulho em si mesmos, na comunidade e no país” (Young & Willmott, 1992, p.XV).³ Uma das principais características da cultura compartilhada pelos moradores de *East End* se encontra na ideia de “masculinidade dura”, que associa a formação da masculinidade a práticas violentas. Mesmo com o (re)desenvolvimento e com a modernização do *East End* após a Segunda Guerra Mundial, a comunidade imaginada (Anderson, 2005), formada pelos moradores da região, permanece marcada

2 Prática que se diz comum no *East End*, trata-se de um tipo de atividade empreendedora que combina legalidade e ilegalidade. A atividade toda gira em torno dos limites, da mistura e da ambiguidade da legalidade.

3 A tradução livre deste e de demais trechos é de responsabilidade do autor.

pela masculinidade dura. Tornar-se homem no *East End* continuou a depender do envolvimento em atividades violentas.

Não levou muito tempo até que o *West Ham United* se tornasse um elemento em torno do qual essas atividades violentas pudessem girar, dada a sua ligação estreita com os habitantes do bairro. Não obstante, nem toda violência ligada ao futebol ou ao esporte em geral pode ser tratada como hooliganismo. Embora a violência relacionada a esportes e ao futebol não seja, de forma alguma, um fenômeno novo ou particular, hooliganismo é um tipo muito específico e relativamente recente de prática violenta relacionada ao futebol. No presente trabalho, será utilizada a definição fornecida por Ramón Spaaij em “Understanding Football Hooliganism – A Comparison of Six Western Football Clubs”: o hooliganismo é “a violência competitiva de grupos socialmente organizados de fãs de futebol, principalmente dirigida contra grupos de fãs opostos” (Spaij, 2006, p.11, itálico do original). Ocasionalmente, violência contra policiais, jogadores de ambas as equipes, árbitros e civis, além de danos à propriedade privada – tanto do clube como propriedades individuais, como casas e carros – também podem ocorrer, e isso acontece até com certa frequência, mas não é o elemento que constitui e define a prática do hooliganismo.

A principal inovação do hooliganismo, e o que o distingue das demais formas de atividade violenta relacionada ao futebol, se encontra na sua organização, embora esta não seja tão detalhada e meticulosa quanto os relatos midiáticos e policiais costumam sugerir. Essa organização só passou a existir a partir da década de 1960.⁴ Na Inglaterra, Holanda,

4 Outra característica fundamental que transformou a violência entre torcedores de futebol nesse período foi a separação entre os torcedores mais velhos e os mais novos. Essa demarcação etária é fundamental para compreender porque a atividade hooligan é associada a grupos de homens mais novos. Até então, os torcedores de um mesmo time permaneciam juntos, independentemente da faixa etária. Com a organização das atividades violentas a partir de 1960, criou-se uma barreira simbólica entre os espectadores que refletia a separação organizacional e etária existente entre eles. Todavia, o aspecto etário não parece primordial para os objetivos do presente trabalho, que não consistem em fornecer uma ampla explicação sobre o hooliganismo, mas mostrar, a partir dos hooligans, a arena afetiva e moral presente na vida urbana cotidiana.

Escócia, Bélgica e Alemanha, montaram-se as “firmas” – nesse caso, o próprio nome sugere o grau de organização presente nesses grupos – e em outros lugares da Europa surgiram as torcidas “ultras”, as quais, apesar de hooligans, estão tanto interessadas nas atividades violentas quanto na estética da torcida no estádio durante os jogos, caracterizada por faixas, cartazes, bandeiras e sinalizadores, com a missão de apoiar o time. Na América do Sul, surgiram organizações similares, embora distintas em muitos aspectos, como as torcidas organizadas no Brasil,⁵ as *hinchadas* e *barras bravas* nos países de língua espanhola. Além disso, como explicitado por Spaaij (2006), o alvo central da violência propriamente hooligan são as outras associações hooligans, constituídas por torcedores das equipes rivais.

Até 1960, a violência relacionada ao futebol era mais ou menos “espontânea”, isto é, era pouco organizada e prevista, e em geral funcionava como uma resposta a decisões arbitrais indesejadas ou a resultados ruins da equipe. Frequentemente, os alvos das agressões eram os juízes e os jogadores do time rival ou mesmo da própria equipe, dependendo do caso. Com o hooliganismo, começou a “guerra” nas arquibancadas: grupos relativamente organizados formados (e definidos) por torcedores movidos pelo objetivo de agredir grupos rivais para defender seu estádio ou “conquistar” o estádio rival.

Se antes o estádio era o território do clube, a partir de então ele, como as regiões próximas, passa a ser o território da comunidade imaginada das firmas. O *Upton Park*, estádio do *West Ham United*, torna-se o domínio da *Inter City Firm* – a famosa e temida *ICF*, uma das firmas mais importantes da Inglaterra, a maior torcida hooligan do time. Fundada em 1972, seu nome é uma referência aos trens *InterCity*, forma de transporte preferida pelos seus membros em dias de jogo para dificultar a ação policial na prevenção de suas atividades.

Com a dispersão dos fãs do *West Ham* pela cidade de Londres e pela região sudeste da Inglaterra no pós-guerra, era de se esperar que a identificação com o *East End* decrescesse. Entretanto, isso não aconteceu – e o estádio *Upton Park* foi fundamental para isso. O *West Ham* continuou a ser um símbolo-chave para o *East End* e o *Upton Park* era seu epicentro; não era apenas seu estádio, era o lugar onde fãs do *West Ham* – que possuíam um inten-

5 Dentre essas, a torcida do Clube de Regatas Vasco da Gama será brevemente abordada em caráter comparativo mais adiante.

so sentimento de pertença ao *East End*, ainda que não morassem lá e não planejassem morar – se reuniam. O sentimento da *ICF* era de que funcionava como uma espécie de organização paramilitar⁶ (embora estivesse longe de ser tão organizada quanto se poderia esperar de uma organização paramilitar, mesmo nos seus dias mais gloriosos) que defendia a honra do *West Ham* e do *East End* ao lutar pelo seu território contra hooligans de outros clubes que iam ao *Upton Park* em dias de jogo.

O *Upton Park* é a casa dos torcedores do *West Ham*, dos moradores do *East End* e da *Inter City Firm*: é seu lugar sagrado onde são realizados os seus rituais de êxtase e salvação quando o time vence, de luto quando perde. Sendo sagrado, é necessário ter com ele o contato apropriado (Durkheim, 2003), ou seja, ser torcedor fiel ao *West Ham* e compartilhar os valores atribuídos ao clube e ao *East End*. Com o tempo, os hooligans do *West Ham* começaram a se agregar na arquibancada norte do *Upton Park* para assistir aos jogos, o que a tornou seu território exclusivo. Portanto, era justamente essa arquibancada que precisava ser mais fortemente defendida; ser obrigado a recuar numa batalha contra outros hooligans no próprio território seria motivo de desgraça, insultos e escárnio. Todavia, não era necessário tanto: a simples presença de torcedores rivais poluía o estádio e o clube e, por isso, era imprescindível que a *ICF* travasse um combate físico com o objetivo de defender seu território, livrá-lo das impurezas trazidas, representadas e incorporadas pelos rivais.

Entretanto, era preciso mais que isso. Não bastava defender o estádio e os arredores. Quando o *West Ham* jogasse nos estádios dos times rivais, seria necessário acompanhá-lo – o que, como foi dito acima, a *ICF* fazia através dos trens *InterCity* – e se envolver em atividades violentas com os hooligans locais com o intuito de fazê-los recuar, o que significava a conquista do território e a completude de sua masculinidade. Cada batalha ganha gerava histórias que eram passadas para os demais membros, retransmitindo o significado do *West Ham*, do *East End* e da *Inter City Firm*, sua glória conquistada através da violência coletiva bem-sucedida. Para um hooligan, o estádio de futebol não é muito diferente de um campo de batalha. Na realidade, nem sempre havia consenso sobre que batalha fora

ou não ganha efetivamente, pois várias “derrotas” eram desprezadas com frases como “não foram enviados nossos principais pelotões para aquele lugar” ou “nós não recuamos, apenas nos retiramos temporariamente para realizar um ataque melhor logo em seguida; foi estratégia da batalha, não uma retirada”.

Com o hooliganismo, o estádio de futebol se torna mais que o lugar onde são realizadas as partidas. Cada estádio torna-se também o lócus da violência e a imagem hipostasiada do território do *we-group*. “Defender” o estádio e as ruas ao seu redor significa defender todo o bairro, o clube e os torcedores de uma ofensa imaginada, mas não imaginária, que é a presença de hooligans rivais na região. Entretanto, nem todos os rivais são iguais. Alguns são considerados piores, mais sujos e desprezíveis que outros, embora todos fossem repugnados. Historicamente, os maiores rivais dos hooligans do *West Ham United* são os hooligans do *Millwall Football Club*, os *Millwall Bushwackers*. Mesmo para os moradores do pobre e violento bairro do *East End*, a zona sudeste de Londres – onde se localiza o *Millwall FC*. – era considerada uma zona depravada e psicoticamente violenta, e essa reputação foi transmitida ao clube e, como se era de esperar, a seus torcedores.

Apesar de a rivalidade entre os torcedores do time ao leste e os torcedores do time ao sul do rio Tamisa ser histórica, o verdadeiro

Duelo entre os torcedores dos dois times de futebol começou em maio de 1972, quando [o jogador] Harry Cripps, favorito da torcida do *Millwall*, teve sua partida de homenagem no *Old Den* contra o *West Ham*. [...] Hooligans dos dois lados trataram o jogo como sua própria Final da Copa, porque, à época, ambos alegavam ser os mandantes de Londres (Pennant, 2003, pp. 280-1).

A disputa entre os torcedores hooligans era tão importante que um confronto não tinha apenas o significado de uma luta entre os dois grupos, mas, principalmente, carregava a ideia de que ali se disputava o respeito, a masculinidade e, sobretudo, a cidade de Londres. O grupo que causasse o maior dano aos hooligans adversários seria o vencedor da batalha e o conquistador de Londres.

À primeira vista, entretanto, as duas formações hooligans não parecem muito distintas. Ambas estão relacionadas a regiões da cidade de Londres consideradas desviantes, depravadas, criminosas, sujas e violentas, ou seja, zonas morais negativas; são formadas predominantemente por homens brancos

6 Analogias bélicas são constantes no tratamento da violência hooligan, tanto pela mídia, quanto pelos próprios hooligans.

ingleses profundamente identificados com a classe operária, à qual a maioria pertence – confirmando o que foi sugerido previamente por Park (1979) sobre a ligação entre tipos vocacionais e vizinhança. Seus valores também são similares: orgulho de pertencer à classe operária inglesa, identificação entre bairro popular e clube, sentimento de solidariedade da vizinhança, tornar-se “homem” através de certos tipos de atividade violenta, ou seja, uma noção “dura” de masculinidade. Apesar disso, as imagens que cada grupo hooligan tem de si e de seu rival são radicalmente diferentes, e a construção identitária desses grupos depende da percepção de si e do outro. “Enquanto os fãs do West Ham são percebidos como durões, voláteis e Cockneys de ‘plástico’, os fãs do Millwall se vêem como muito durões, extremamente voláteis e londrinos autênticos” (Robson, 2000, p.175). Já os fãs do *West Ham* normalmente “percebem os fãs do Millwall como ‘retrógrados’ e ‘criminosamente insanos’” (Spaaij, 2006, p.136), e o sudeste londrino – região de onde vêm os fãs rivais – é visto por eles como um lugar atrasado e sinistro; enquanto, por outro lado, atribuem ao *East End*, bairro do qual provém, as qualidades de ser mais amigável, aberto para e adaptado aos padrões da sociedade londrina dominante – qualidades estas que, portanto, são atribuídas a eles próprios. Isto é, eles percebem o conjunto dos habitantes do *East End* a partir de suas melhores características, enquanto os moradores do sudeste da cidade são todos tomados pelos piores “defeitos” de sua porção “pior”.⁷ Hooligans do *West Ham* também alegam que só atacam hooligans rivais e jamais agrediriam rivais não-hooligans, ao passo que os hooligans do *Millwall* não seguiriam esse mesmo código, o que diria respeito a certos valores morais e de masculinidade.

Dessa forma, para o torcedor do *West Ham*, o *East End* encontra no *Upton Park* seu palco de construção de uma masculinidade e de uma moralidade violentas, ao passo que *The Den*, o estádio do *Millwall Football Club*, é o palco da deformação de uma masculinidade exagerada e desregradamente violenta – exagero que seria produto da incompletude dessa masculinidade⁸ – e da construção do

desregramento imoral da violência. A partir da década de 1980, entretanto, o papel do estádio e o locus da violência mudaram. Começaram a ser tomadas diversas medidas para reduzir a violência nos estádios. Tanto os clubes quanto a polícia passaram a realizar esforços para conter a violência entre os espectadores. O principal efeito de tais medidas foi deslocar os confrontos entre as torcidas hooligans para fora do estádio e para mais longe de suas imediações, isto é, para lugares onde o controle policial era percebido pelos hooligans como mais frouxo e menos eficiente. A intervenção policial também aumentou a incidência de elementos perfurantes nas brigas, como facas e canivetes, uma vez que a presença de policiais acaba levando os hooligans a tentar potencializar suas ações, causando o maior dano possível a seus rivais dentro do menor tempo disponível (Buford, 2010). Com essas mudanças, os locais que se tornam os “campos de batalha” das torcidas hooligans são, principalmente, os bares onde os torcedores se reúnem antes e depois dos jogos, as plataformas de trem e as estações de metrô que levam os fãs às partidas e seus arredores, mas especialmente nesses arredores, onde há ainda menor presença policial.

O aumento do policiamento nos estádios em dia de jogo e o incremento de medidas punitivas contra as atividades hooligans resultaram não apenas no deslocamento para territórios percebidos como menos policiados, mas também em mais organização e maior planejamento das ações. Em outras palavras, o caráter ordenado das atividades hooligans foi potencializado pela iniciativa punitiva do Estado. Ao mesmo tempo, todavia, quanto mais organizada e planejada for a atividade hooligan, mais previsível ela se torna e, portanto, mais fácil para atrair uma resposta eficiente da polícia londrina. Enquanto o policiamento nos estádios era incipiente, os hooligans tinham liberdade para tornar as arquibancadas seu campo de batalha. Porém, forçados a deslocar suas práticas para as ruas da cidade, os hooligans tornam-se mais sujeitos ao monopólio estatal do uso da violência legítima, representado pela guarda metropolitana.

O risco crescente a que as atividades hooligans acarretavam levou muitos membros antigos da *ICF* a diminuírem suas atividades. Entretanto, as transformações nas políticas de segurança dos

7 Ou seja, também se propõe entre eles uma figuração de poder do tipo estabelecidos-outsiders.

8 Um ponto importante que não coube destacar no corpo principal do trabalho é que a violência hooligan é profundamente marcada por cantos insultuosos, que geralmente ofendem a origem dos

rivais e também, principalmente, atentam contra sua honra masculina, com alusões a “incompletudes” e “desvios” sexuais.

estádios de futebol não foram as únicas responsáveis pelas mudanças que ocorreram entre os hooligans do *West Ham*. Com o passar do tempo, o *East End*, assim como outras regiões da Inglaterra, tornou-se cada vez menos um bairro operário. As transformações produtivas que se aprofundaram a partir da década de 1970 – isto é, a diminuição da importância econômica do setor industrial e o desenvolvimento do setor terciário – mudaram a identidade da classe trabalhadora. Além disso, até mesmo a prática *ducking and diving*, considerada típica do *East End*, foi diminuindo; muitos dos seus antigos praticantes haviam se tornado proprietários de pequenos negócios. Na realidade, desde o pós-guerra havia um êxodo dos antigos moradores do bairro para outras regiões da cidade e também do país, particularmente para o sul da Inglaterra. Ainda assim, o *West Ham* continuou a representar a região do *East End*; os valores da zona leste londrina continuaram a ser identificados no macrosujeito constituído pelo clube do *West Ham* e pela *InterCity Firm*, enquanto o *Upton Park* se manteve como o lugar próprio do ritual de construção da masculinidade hooligan.

Elementos para uma comparação com a realidade brasileira: o Clube de Regatas Vasco da Gama

Escolheu-se para a comparação com a formação hooligan do *West Ham United* a torcida do Clube de Regatas Vasco da Gama.⁹ Os motivos para essa escolha ficarão mais claros ao longo do texto. Fundado como um clube de remo em 1898, no bairro da Saúde, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o clube se constituiu ao longo da história como um dos principais times da cidade e do país, o único da Zona Norte a obter sucesso duradouro em competições nacionais. Durante os primeiros anos das atividades de futebol do clube, as partidas em casa eram mandadas no estádio do Andaraí, no bairro homônimo, também na Zona Norte. Seu estádio atual, Vasco da Gama – popularmente conhecido pelo nome de São Januário em virtude de sua localização – foi erguido em 1927. Essas três localizações dos seus anos de origem oferecem uma situa-

ção distinta daquela encontrada na relação do *West Ham* com o *East End*. Por um lado, com essas três mudanças de localização nos anos iniciais, não se desenvolveu uma relação de identificação especial entre o Vasco e um bairro específico. Por outro, isso possibilitou que se criasse maior identificação entre o Vasco e a Zona Norte do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo em que se criavam laços de identificação entre o Vasco da Gama e a Zona Norte carioca, três clubes da Zona Sul ganhavam destaque no longo prazo: o Clube de Regatas do Flamengo, o Fluminense Football Club e o Botafogo de Futebol e Regatas. Desenvolveu-se, então, uma intensa rivalidade entre esses quatro clubes, na qual o Vasco era o único representante da Zona Norte – região tradicionalmente mais popular e operária – em oposição a três clubes da região mais “elitizada” econômica e politicamente da cidade. Essa distinção entre um clube popular da Zona Norte e clubes de elite da Zona Sul – mantida aproximadamente até a década de 1980, com o vertiginoso aumento da popularização, já em curso, do Flamengo – foi acentuada pelo Vasco ter sido o primeiro clube da cidade e um dos primeiros do país a aceitar e estimular a presença de negros e mulatos entre jogadores e nos cargos administrativos do clube, o que fazia parte de um projeto de profissionalização do esporte. Não apenas existiu então uma ligação entre o Vasco da Gama e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro, ressaltada pelo público e pelos meios de comunicação, como também entre o Vasco, a classe operária, a Zona Norte, a população negra do Rio de Janeiro e o combate ao racismo.

O São Januário se tornou, com isso, um lugar privilegiado, o local simbólico da reprodução da diferença entre o vascaíno (com uma representação de si “democrática” e operária) e os demais clubes da Zona Sul, considerados racistas mesmo após estes passarem a aceitar negros e mulatos. Além disso, o estádio constitui fonte do sentimento de valor próprio para o vascaíno por ter sido construído, dentre outras fontes, a partir de contribuições dos próprios torcedores. O São Januário é a casa do vascaíno não apenas porque o clube de sua torcida joga lá, mas porque o próprio torcedor vascaíno, até hoje, sente-se responsável por sua criação, ainda que nem ele e nem mesmo seus pais, avós ou bisavós tenham contribuído, uma vez que o estádio foi erguido entre 1926 e 1927. Sua interdição para clássicos estaduais, em 2005, por causa da falta de segurança dentro e nos arredores do estádio, obteve, portanto, uma reação negativa dos torcedores.

9 A maior parte das informações sobre o clube e os torcedores foi conseguida através de entrevistas semiestruturadas com torcedores do clube.

Acho que a torcida do Vasco como um todo prefere São Januário [ao Maracanã]. É menor, mais difícil de chegar, mas é nosso mesmo. É realmente jogar em casa, o Vasco é muito forte lá. Tem o efeito caldeirão também. O Estádio cheio faz muita pressão e a torcida fica mais empolgada (entrevista pessoal).

A partir de então, os clássicos estaduais envolvendo o Vasco são disputados preferencialmente no Maracanã. Para as finalidades deste trabalho, duas consequências principais que decorreram disso se destacam. Em primeiro lugar, houve uma escalada na violência entre as torcidas organizadas do Vasco da Gama e de outros clubes, como o São Paulo Futebol Clube e o Sport Club Corinthians Paulista, especialmente nas ruas no entorno do estádio, vielas bastante estreitas que facilitam as estratégias de ataque da Força Jovem Vasco, principal torcida organizada do clube que possui alguns membros que, por vezes, realizam confrontos violentos com membros de outras torcidas organizadas. Seu conhecimento das ruas ao redor de São Januário torna possível que se criem estratégias para encurralar torcedores dos clubes rivais indo em direção ao estádio em dia de jogo. Assim, tanto o estádio de futebol quanto os arredores são tomados por esses torcedores como lugar de produção e reprodução, através da violência, da diferença por eles sentida entre os vascaínos e os outros torcedores. Importante adicionar aqui a relação entre os torcedores comuns e a parcela violenta da Força Jovem Vasco. Embora em geral essa parcela seja criticada pelo uso da força física, muitos torcedores não violentos sentem que é preferível que, em caso de confronto violento entre torcedores rivais em dia de jogo, os pertencentes à Força Jovem Vasco consigam se impor, admitindo, assim, uma identificação através do Vasco entre esses torcedores violentos e os demais torcedores do clube.

A segunda consequência se refere à relação entre os membros violentos da Força Jovem Vasco e os das demais torcidas organizadas cariocas. Uma vez que eles deixam de se encontrar nas imediações do estádio São Januário, área que os membros da Força Jovem Vasco têm como sua – isto é, que eles defendem por sua ligação afetiva com ela e que, ao mesmo tempo, utilizam na criação (ainda que muito pouco planejada) de estratégias de ataque às torcidas rivais –, e passam a se encontrar preferencialmente no entorno do Maracanã quando dos conflitos violentos entre eles, diminuiu a desigualdade na possibilidade de vitória dos torcedores vas-

caínos em caso de confronto violento. Comparando essa mudança com o outro caso aqui apresentado, enquanto os hooligans do *West Ham United* sempre tiveram no *Upton Park* – e em seus arredores – um lugar da produção da diferença entre eles e os outros e, particularmente, um local privilegiado para produzir e reproduzir a hierarquia – fluída, dinâmica, não consensual e instável – das torcidas hooligans dentro da cidade de Londres, o São Januário – assim como o seu entorno – começou a se tornar, a partir de 2005, cada vez menos o lugar da diferenciação entre os torcedores do Vasco e dos demais times do Rio de Janeiro, o que aumentou, por um lado, a rivalidade, em alguns casos violenta, com times de fora do Rio de Janeiro nas idas a São Januário, e, por outro, o papel do Maracanã na construção da diferença entre o vascaíno e o rival carioca, isto é, entre o Vasco da Gama de um lado, e Flamengo, Fluminense e Botafogo de outro.

Em resumo, tanto o *Upton Park* – para os torcedores do *West Ham United* – quanto o São Januário – para os fãs do Vasco da Gama – formam parte do sentimento de valor próprio dos seus torcedores, pois são lugares de uma construção identitária valorada positivamente. Ambos os lugares são afetivamente carregados de sentimentos identitários, de ligação entre a imagem do “eu” com uma imagem do “nós”, condensada em torno do clube de futebol para o qual se torce. A ligação emocional e moral entre os torcedores e o clube é intensa, construída e reconstruída preferencialmente através do seu estádio. A região em que está situada o estádio também é carregada de sentimentos e valores para aqueles torcedores. Enquanto os fãs do *West Ham* identificam o clube e a si mesmos com a região do *East End* londrino, os torcedores do Vasco da Gama tomam o clube e a si mesmos como símbolos da Zona Norte do Rio de Janeiro. Dada essa identificação com a região, o corte de classe também se torna presente na construção identitária: ambos se enxergam como clubes operários, uma vez que foram formados em regiões operárias de suas cidades. Além disso, adiciona-se à identidade vascaína o antirracismo e a identificação com a colônia lusitana.

Conclusão: cidade e afeto

Para um hooligan do *West Ham*, a cidade de Londres está impregnada não apenas por racionalidade, mas também – e, por vezes, principalmente – pela confluência de sentimentos diversos. *The Den*, o estádio do *Millwall*, era um lugar odiado, considerado

depravado, por vezes temido, embora nem sempre. Era o lugar a ser conquistado a cada jogo, fazendo com que os *Millwall Bushwackers* fossem – ao menos na visão dos membros da *InterCity Firm* – forçados a se retirar. O mesmo acontecia com as ruas e bares nos arredores do estádio. Por sua vez, o *Stamford Bridge*, estádio do *Chelsea Football Club*, localizado em *Fulham*, foi sempre considerado um território onde se deve ter cautela, pois os *Chelsea Headhunters* sempre contaram com um “exército” bastante numeroso. Justamente por isso, a conquista recorrente do *The Shed* – parte das arquibancadas dos estádios onde se localizavam os *Headhunters* nos jogos em casa – pelos hooligans da *ICF* era considerada um motivo de grande glória para eles, que alegam tê-la usado como ponto de encontro durante anos (Pennant, 2003, p.174). Essas lutas tinham que ser realizadas em todos os jogos: a violência coletiva, essa “experiência de absoluta plenitude” (Buford, 2010, p.207), era considerada pelos hooligans como parte integrante do jogo de futebol – apesar de frequentemente alegarem que só estavam atrás de cerveja, futebol e diversão. Para um hooligan, ir a uma partida e não tomar parte na violência coletiva que se desenvolve ao seu redor significa pagar por algo e não consumi-lo.

O *Upton Park* (bem como seus arredores, as ruas e os bares próximos) estava, para os hooligans da *InterCity Firm*, acima de todos os outros lugares da Inglaterra e do Mundo. Na sua lista de preferências, ele e o *West Ham* estavam no topo, seguidos pelo próprio futebol e pela cerveja que consumiam, que lhes dava energia simbólica. Na lista de antipatias, o resto do mundo. Quando se tem uma visão tão forte de nós-versus-eles é de se esperar que existam apenas dois tipos ideais de elementos: os puros e/ou purificadores, cuja pureza deve ser preservada, como o *Upton Park* e tudo o mais que estiver relacionado ao *West Ham*, à *ICF* e ao *East End*; e os sujos, que estão empenhados em macular os elementos puros, e que deveriam ser sujeitados aos agentes purificadores – a própria *ICF*. O *Upton Park* é o supracumulo do lugar a ser amado em toda a cidade aos olhos de um torcedor do *West Ham*. É adorado, idolatrado como se fosse uma entidade própria, deve ser protegido porque é a casa dos torcedores, o lugar onde sua honra e sua masculinidade são construídas e postas em jogo a cada partida.

Cada jogo no *Upton Park* é um ritual em que os hooligans da *ICF* constroem sua honra e sua masculinidade, ao mesmo tempo em que demonstram o valor do bairro. Devem provar seu amor e sua

dedicação às cores do clube, apoiando o time dentro de campo, subjugando os hooligans rivais fora dele com o uso da força física necessária. A defesa do território grupal não basta. É necessário ir às demais regiões da cidade – e da Inglaterra –, provar a todos o “valor” da *InterCity Firm*, do *West Ham United* e do *East End*, conquistar, em seu nome, os territórios, as zonas morais rivais, fazendo com que os adversários recuem e partam em retirada. A violência é utilizada para pôr cada coisa em seu “devido” lugar, na visão dos seus agentes: pôr as vítimas ou os derrotados em sua posição de inferioridade e demonstrar a própria superioridade. A violência tenta exercer no mundo físico aquilo que é sentido no plano afetivo-moral. Da mesma maneira, a violência hooligan tenta expressar no meio urbano aquilo que os hooligans têm como certo na sua representação: sua própria superioridade frente aos demais. Ou seja, tenta organizar a visão dos habitantes da cidade sobre a própria cidade, seus bairros e moradores, a partir das derrotas e vitórias na violência coletiva hooligan.

Os hooligans do *West Ham* apresentam uma forma intensificada e distorcida (Spaaij, 2006) dos valores compartilhados pela comunidade mais ampla de torcedores do *West Ham*. Entretanto, não é necessário um caso tão extremo pra mostrar que, para uma quantidade muito grande de habitantes do meio urbano, a cidade está amplamente carregada de significados afetivos e/ou morais. O caso da torcida do Vasco da Gama foi utilizado em favor desse argumento. A torcida do Vasco se identifica subjetivamente com uma ampla variedade de valores afetivos – identificação com a classe operária, com a colônia portuguesa, com o combate ao racismo e com uma postura “democrática”, apesar de todas as vicissitudes nesses sentimentos identitários – que são refletidos em sua forma particular de lidar com o espaço da cidade. A relação do torcedor vascaíno com o estádio de São Januário, assim como com os clubes rivais da cidade, é estruturada e ao mesmo tempo estrutura a forma desse torcedor lidar com meio urbano: a Zona Norte da cidade fica, assim, como um lugar marcado pelos valores supracitados, enquanto a Zona Sul e seus clubes são vistos como elitistas, racistas e antidemocráticos.

Os casos dos hooligans do *West Ham United* e da torcida do Vasco da Gama são exemplos paradigmáticos para a elucidação de uma questão central para a compreensão do território urbano. Mais do que um terreno da racionalidade fragmentado em diversas zonas morais, a cidade moderna não deixa

de ser um lugar em que a afetividade pode existir e ser expressa espacialmente. Se o torcedor de futebol – hooligan ou não – é capaz de ter uma vivência afetiva no meio urbano, de identificar não apenas moral, mas também afetivamente (com amor ou ódio, respeito ou medo) diferentes lugares da cidade, então é perfeitamente possível que os demais indivíduos urbanos o façam de acordo com os grupos sociais nos quais estiverem envolvidos. O jogo afetivo na cidade não deve ser esquecido, pois ele indica a vivência afetiva das relações sociais entre os habitantes do meio urbano.

Referências

- ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas – Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: 70, 2005.
- BUFORD, B. *Entre os Vândalos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- DURKHEIM, E. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Os Estabelecidos e os Outsiders – Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- PARK, R.E. A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. In: VELHO, G.O. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- PENNANT, C. *Congratulations, You Have Just Met the I.C.F*. Londres: John Blake: 2003.
- ROBSON, G. *No one likes us, we don't care: The Myth and Reality of Millwall Fandom*. Oxford: Berg, 2000.
- SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, G.O. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SPAAIJ, R. *Understanding Football Hooliganism – A Comparison of Six Western European Football Clubs*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.
- YOUNG, M; WILLMOTT, P. *Family and Kinship in East London*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- WIRTH, L. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, G.O. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Eric Monné Fraga de Oliveira é cientista social e mestrando do Programa e Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: <ericmfo@hotmail.com>.

Recebido para avaliação em março de 2012. Aprovado para publicação em julho de 2012.